

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º) ARMANDO ROCHA CRUZ

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO — RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 11 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ADMINISTRADOR e DIRECTOR ADJUNTO — JOSÉ MACHEIRA DELEGAÇÃO EM OLHÃO — RUA DE S. PEDRO, 17

COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO TEL. 59 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NOVO CHEFE DO ESTADO MAIOR da Armada



© *Nosso estimado comprovinciano sr. Vice-Almirante Joaquim de Sousa Uva, que desde Maio de 1955 desempenhava o*

cargo de secretário adjunto da Defesa Nacional, foi nomeado Chefe do Estado Maior da Armada, em substituição do sr. Vice-Almirante José Augusto Guerreiro de Brito, também nosso prezado comprovinciano, que recentemente passou à situação de reserva.

Em 1955 ascendeu ao generalato, tendo, no decorrer da sua carreira, ocupado elevados cargos, nos quais soube granjear justo prestígio.

Todos os algarvios sentiram, com natural orgulho, a notícia de tão honrosa promoção atribuída a um filho que tanto tem sabido enaltecê-la a sua terra.

COLÓNIA DR. TEOTÓNIO PEREIRA

Foi resolvido que a partir de 15 do próximo Janeiro esta Colónia, instalada em Albufeira, tenha carácter de permanência.

Muito nos regozija esta notícia que, além de tudo, é um excelente cartaz de propaganda do Algarve, das suas belezas e do seu clima.

COMPREENSÃO E RESPEITO

UM amigo nosso mostrava-se há dias muito admirado porque tendo perguntado a um homem da cidade se ele sabia o que era um arado este lhe disse que nunca tinha ouvido falar em tal coisa e, por isso, não sabia o que era nem para o que servia. Admirou-se aquele nosso amigo mas não nos admirámos nós que conhecemos a ignorância dos cidadãos nas coisas que são as raízes que nos prendem à terra. Mas não é só na cidade que se verifica esta ignorância; meios urbanos mais modestos sofrem do mesmo mal. E, caso interessante, blasfemam numa supremacia de erudição sobre os homens do campo a quem consideram uma espécie de seres inferiores: trogloditas vivendo ainda no fundo das suas cavernas.

Vão ao cinema onde tratam por tu os ases do écran, frequentam botequins e cafés onde pedem em calão o que querem comer ou beber, deitam-se e levantam-se tarde, estremunhados e atrevidos para na rua provocar quem passa e honestamente segue os caminhos da sua vida. Não são todos mas são muitos os que compõem esta fauna que se julga superior porque o trabalho não lhes põe calos nas mãos nem lhes encurva as costas.

Se a gente dos campos não conhece as comodidades da luz eléctrica e da água encanada ou as distrações do cinema e da televisão, a culpa não é dela: é de quem a tem esquecido e abandonado.

Tem-se ultimamente tentado dar-lhe algumas comodidades, abrindo-lhe estradas e caminhos, dotando-as de escolas, etc. Mas falta ainda muito para que se possa nivelar nesse plano com as populações urbanas — se é que alguma vez isso possa vir a acontecer.

Faltam-lhe médicos que a tratem nas suas moléstias e a aconselhem na prevenção das doenças; quem a oriente no amanho da terra, no combate às epizootias que lhe dizem os gados, no modo de obter destes o maior lucro possível; quem os entusiasme

e encorage na arborização, principalmente das terras declivosas. A lei de meios a aplicar para o futuro ano económico recomenda a instalação de indústrias nos meios rurais de preferência a acumulá-las em volta dos grandes centros populacionais.

A fazer-se isso era um dos meios mais eficazes de prender o ho-

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)



A mulher aguadeira, de chapéu e lenço, tendo por fundo o rendilhado de uma chaminé algarvia — conjunto harmonioso da mais sulina província portuguesa

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Encontro

Encontram-se amigas, «amigas velhas», e perde-se a cabeça, o tempo corre, não damos por isso. Na realidade, o tempo corre mas para trás. Esquecem-se obrigações, a vida deixa de ter outro sentido que não seja recordar, chamar à pedra os dias que passaram por nós, certo dia... Dias impossíveis e que, no entanto, permanecem nossos, como nos contos de fadas.

Tout casse, tout lasse, tout passe...

Foi assim, como estou a dizer, tal e qual. Amigas velhas, reunidas à mesa de um café. Como tudo se modifica! (Cá está a M. H. a imitar a professora de português, a Dr.ª D.: «A língua é um instrumento vivo em permanente

(Conclui na 2.ª página)

O «TRIO MOZART» NO ALGARVE

O FAMOSO conjunto musical americano «Trio Mozart», em digressão pelo sul do País, esteve em Beja, onde se exibiu a contento de quantos assistiram a tal serão de arte, deixando extraordinário cartel.

Esse conjunto artístico, composto por Lee Meredith (soprano), John Yard e Joseph Collins (barítono) e ainda com o acompanhamento do pianista Roy Jes-on, vai exhibir-se, por estes dias, em Faro.

Tão pertinho de Vila Real de Santo António — não haverá empresa ou entidade oficial que se abalance a proporcionar aos vila-realenses, tão elevada sessão artística?

Quem o fizesse, ficaria crêdor do reconhecimento de todas as pessoas que apreciam a música, a boa músic.

Porque não se cria em Olhão UMA ZONA DE TURISMO?



— PORQUE não enceta a Câmara Municipal de Olhão as diligências tendentes à criação de uma zona de turismo?

Esta pergunta foi-me feita há dias por um amigo, quando juntos, no jardim João Serra, tentávamos determinar, com relativa aproximação, quais as mutilações que a construção do Palácio da Justiça obrigaria a fazer, não só no referido jardim, mas também na faixa de rodagem situada a poente da

contígua Avenida da República. Tal pergunta, feita pode dizer-se «à queima roupa», deixou-me por momentos pensativo...

— Então, não me responde? Não deu atenção ao que lhe perguntei? — voltou a insistir o meu amigo.

— Prestei-lhe toda a atenção, meu caro — apressei-me então a responder-lhe — e devo dizer-lhe que também já por mais de uma vez tenho feito a mim mesmo idêntica interrogação.

Sem saber das razões que têm levado o nosso Município a descurar ou adiar a resolução do problema do turismo no concelho — quando desde Sagres a Vila Real de Santo António todos se afadigam no bem compreensível desejo de chamar as atenções do número sempre crescente de turistas que nos visitam — devo dizer-lhes que tal estado de coisas não é bastante prejudicial e pode colocar-nos na situação de portadores da «lanterna vermelha» na corrida que se esboça já, tendente a valorizar tudo o que de interesse turístico existe no Algarve, situação que além de vexatória para o nosso brio de olhanenses, nos acarretará dissabores de toda a ordem.

E é de temer, meu caro, tal espécie de apatia, pois receio muito que ganhem consistência as opiniões de certas pessoas consideradas influentes no nosso meio social, no tocante à maneira de resolver o problema do turismo em Olhão.

Tais opiniões são, em meu entender, as menos aconselháveis de acatar ou perflhar, e o que é curioso é que em todas elas se verifica uma unanimidade de vistas que se pode traduzir pela impossibilidade de abordar o pro-

(Conclui na 6.ª Página)

A Acção dos «PULLMANS» NO TURISMO DO ALGARVE

DESDE o pequeno hoteleiro às grandes companhias de aviação, olham confiantes para as possibilidades económicas que o Algarve oferece; é uma hipótese favorável, um meio a ser explorado pela indústria turística. De lés a lés se nota um frenesim e muitos negociantes se introduzem nesta indústria, vislumbrando uma independência futura.

Já se construíram grandes hotéis, criaram-se novas comissões municipais de turismo, embelezaram-se algumas cidades e vilas, modernizaram-se praias e parques, e tudo leva a crer que num futuro próximo a província constituirá uma fonte de atracções de férias, para portugueses e estrangeiros. Há por enquanto dificuldades de diversos toques, tais como, a falta de sinalização, como acontece em Faro, onde o itinerante encontra sérias dificuldades em descobrir o centro da cidade, a sala de recepções da Junta de Turismo, monumentos, etc.; existe somente um parque de campismo em condições (Monte Gordo) e nota-se pouco entusiasmo, principalmente por capitais particulares, quando para a criação destas zonas há uma compensação favorável em relação ao seu custo; as pensões de diária acessível são insuficientes e têm na sua condição a melhor e maior aprovação da grande parte dos turistas.

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)

NOVA ESTRADA MUNICIPAL ENTRE PRAIA DA ROCHA E ALVOR

A Câmara Municipal de Portimão vai proceder ao estudo de uma estrada municipal a construir entre a Praia do Vau e Alvor.

Essa nova estrada dará continuidade ao troço já existente entre a Praia da Rocha e a Praia do Vau e será, praticamente, o prolongamento da avenida da Praia da Rocha até Alvor.

Vila Real de Santo António E A FALTA de energia eléctrica

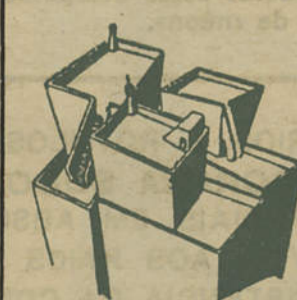
MIRANDO-SE nas águas claras do Rio Guadiana, Vila Real de Santo António é, sob o ponto de vista habitacional e turístico, uma vila alegre, de ruas amplas, enfim, uma feliz visão da mais sulina terra portuguesa.

Sómente à noite, quando as sombras cobrem a vila pombalina, é que se nota a confrangedora falta de uma adequada iluminação eléctrica.

Possuindo durante largas dezenas de anos corrente contínua, cuja inadaptação para os modernos maquinismos eléctricos logo se demonstrou, esperou se ansiosamente pela nova electrificação com corrente alterna, de que seriam largamente beneficiadas as inúmeras indústrias que laboram em Vila Real de Santo António e igualmente o comércio e os particulares com a aplicação de escalões de pagamentos de energia eléctrica.

Infelizmente, a corrente alterna (Conclui na 2.ª página)

CRÓNICA DE OLHÃO



A Invalidez é um Reino ONDE OS VÁLIDOS NÃO CONTAM

DEPOIS de muito se escrever sobre os principais problemas que afectam grandemente a linda vila cubista, depois de inúmeros articulistas se baterem neste campo melindroso pensando solucionar o que destoa e diminui essa terra, tudo continua como dantes. Por vezes o mundo parece querer perecer como que pápebras cerradas tirassem a vista, mas a vontade surge sempre para se prosseguir na obra e na vida. Alimentar uma esperança — isto não é por acaso

— e querer ver nascer a sua terra é um desejo simples que só beneficia a comunidade dos povos. Não é só a luta por uma situação que faz um bom cidadão. Visionar tal situação sem dar um pouco de si, um pequeno tributo diário, aos problemas inadiáveis duma colectividade, é caminhar falsamente à beira de um precipício.

Existe em Olhão a propensão para se criticar tudo o que vem a lume. A crítica é necessária quando se exige mais perfeição, mas,

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)



Eis, estimadas leitoras, um dos mais modernos e práticos conjuntos tricotados para este Outono, que é deveras muito elegante e prático. Pode vestir-se com umas calças justas ou com uma saia escura pregueada

MISCELANEA

ANEDOTAS

Junto da Força

O carrasco:
— Meu amigo, faço hoje a minha estreia; é a primeira vez que exerço o meu ofício.

O condenado:
— Notável coincidência! A mim, também é a primeira vez que me enforcam.

Duas senhoras, num passeio:

— Que lindo cão!
— E' um encanto, na verdade! Imagina que nasceu há oito dias e já tem pulgas!

No Restaurante:
— Ó rapaz! Essa sopa está demorada!
— Pude! E' sopa de tararuga...

O canibal (palitando os dentes):

— Verdade seja, que já tenho comido carne pior do que a do governador...

(Escolhe um charuto e acende-o).

— Mas com franqueza não sei porque todos lhe chamavam Excelência!

CONTA GOTAS

(Conclusão da 1.ª página)

evolução... Sim tudo se modifica, não apenas a língua que falamos. O que diria o mundo, ainda não há muitos anos, de quatro raparigas que entrassem num café e lá permanecessem duas horas feitas tolinhas, a falar e a rir... O que diria o mundo! Ai está para o testemunhar a Isaura que esperou, para entrar num café, até aos setenta anos. A princípio contra feita, depois com um à vontade, um desplanete... Com o «agrément» do marido, ainda para mais!
Sou do tempo em que minha avó considerava o café «casa de perdição».

As asas negras

Pois esta reunião no café, reunião de amigas velhas, deixou-me uma recordação. Não pelo facto em si mesmo. O facto de entrar num café (especialmente agora com a televisão) tornou-se para qualquer mulher um acto banal, quotidiano.

Foi outra coisa. E que perdi a cabeça e mandei vir um café. Eu, que não fora nunca além do cevada, do chá de limão, eu que abominava os alcalóides!

Uma vertigem, a passagem da barreira de som, uma decisão rápida, inadiável: uma bica!

Para ser franca, estranhei o som da minha própria voz ao pedir a bica. Nem parecia minha. Ouvi-me como se a voz que dizia prosaicamente «uma bica!» pertencesse a uma estranha. Há palavras que não pensamos nunca poder vir a pronunciá-las. Existem para os outros, como certos desportos, certos fatos de banho, certos ramos de ciência. Bica era uma dessas, para mim, tabu.

Ora pois! Pedi a «bica» e logo a seguir é que foram elas. Meu Deus! Que coisa maravilhosa é um café! O seu aroma penetra-nos até ao mais longe de nós próprios! Não pergunta sequer onde está a nossa vontade; quebra-nos, arrasta-nos para o meio do tablado e começa a dar-nos voltas e reviravoltas, a ensinar-nos — ou a descobrir-nos — os passes de bailado mais exóticos, mais fora do quotidiano. Quando menos damos por isso, a terra ficou perdida para os nossos pés. A dança toda é agora num palco de nuvens; a orquestra celestial vem não se sabe de onde, do fim do mundo, do fim do mais fim do mundo que é do fim de nós próprios. As mãos, semi-abandonadas, desenham gestos lentos, rituais — enquanto a fantasia se compraz em sobrevoar montanhas azuis ou aprofundar abismos irrefragáveis... E tudo à nossa revelia. A consciência não nos abandona totalmente. É uma testemunha passiva, indulgente, mas de qualquer modo, uma testemunha.

«Esta sou eu. Estas mãos, estas pernas são minhas. Estou sentada à mesa de um café, com três amigas velhas que o acaso juntou. Isso é a verdade. Tudo o mais, essa vertigem toda, é mentira. Mas nada agora tão importante como essa mentira, de acordo. Nada tão verdadeiro, tão acintosamente verdadeiro.

Vive bem essa mentira, Manuela!

Vive-a, que não tardas a voltar ao redil!»

A avó Ana era sábia

Voltei. Moida, como se andasse léguas e léguas. Assim devem estar os lobisomens quando regressam do fado.

A experiência foi demasiado tentadora. Temo uma recaída. O cházinho de limão parece-me agora uma coisa absurda. «Cuidado com os seus nervos!» diz o médico.

A avó Ana falava certo. Os cafés são lugares de perdição.

Maria Manuela Nunes

Vila Real de Santo António E A FALTA de energia eléctrica

(Conclusão da 1.ª página)

não trouxe os benefícios que eram de esperar. As falhas de energia são constantes, deixando-se por vezes durante um dia ou durante uma noite parte da vila totalmente mergulhada na escuridão, ou, então, cortes de energia com incrível frequência que só vêm transbordar o consumidor desprevenido, que já relegou para os fundos do sofá, o inestético, mas sempre útil, candeeiro a petróleo, paralisa a indústria que tem de cumprir com compromissos tomados e afecta o comércio que se vê forçado a utilizar o candeeiro para poder fazer face aos clientes que se acumulam nas lojas, naquela altura mais demorados a atender por deficiência de iluminação.

Após os inconvenientes apontados, torna-se imediata necessidade de que a entidade exploradora da energia eléctrica tome as mais imperiosas providências no sentido de que estas falhas não se tornem a verificar, pelo menos com a assiduidade com que se estão a tornar desoladoramente prejudiciais a toda a gente.

J. J.

PRÉMIO "MELHOR COLABORAÇÃO" INSTITUÍDO PELO SNI

REUNIU-SE pela primeira vez o Júri do Prémio «Melhor Colaboração», instituído pelo S. N. I., juntamente com os prémios «Ferreira Gomes e António Enes», tendo se interpretado um dos votos formulados na I Reunião da Imprensa Nacional.

O Júri reunido sob a presidência do sr. dr. Ramiro Valadão e constituído pelos srs. Cônego Dr. José Galamba de Oliveira, presidente do Grémio Nacional da Imprensa Regional; Morais de Carvalho, presidente do Sindicato Nacional de Jornalistas; e pelos jornalistas Dr. Vitor Direito e Jorge Simões, resolveu atribuir o referido prémio ao Rev.º Padre Manuel Gonçalves Diogo, autor do artigo «Urge acudir à lavoura no concelho de Vila Verde», publicado em 17 de Julho passado no quinzenário «Vilaverdense».

Conforme este organismo já informou, o Prémio «Melhor Colaboração», da importância de 1.500\$00, é atribuído de quatro em quatro meses ao autor do melhor artigo de interesse regional publicado na Imprensa Regional. O próximo prazo para a entrega dos originais termina em 5 de Janeiro de 1961.



VILARREALENSES:

Se quereis engrandecer o clube da vossa terra, inscrevei-vos para sócio do

LUSITANO FUTEBOL CLUBE

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

com os seus nervos!» diz o médico.

Maria Manuela Nunes

AGENDA

TRAINEIRAS
MOVIMENTO DA LOTA
de Vila Real de Santo António
de 18 a 24 de Novembro

| | |
|----------------------|---------------|
| Audaz | 175.480\$00 |
| Maria Rosa | 173.565\$00 |
| Lesie | 156.580\$00 |
| Conceicanita | 152.030\$00 |
| Suestada | 146.320\$00 |
| Tufão | 139.630\$00 |
| Refrega | 131.565\$00 |
| Triunfante | 127.060\$00 |
| Infante | 121.410\$00 |
| Janita | 103.270\$00 |
| Marilú | 100.320\$00 |
| Vulcão | 97.380\$00 |
| Pérola do Guadiana | 93.000\$00 |
| Agão | 90.205\$00 |
| Amazona | 88.610\$00 |
| Liberta | 87.540\$00 |
| Carinha | 83.990\$00 |
| Norte | 78.420\$00 |
| Flor do Sul | 76.930\$00 |
| Flor do Guadiana | 56.550\$00 |
| Cruzeiro do Sul | 54.960\$00 |
| Nova Sr.ª da Piedade | 51.350\$00 |
| Brisa | 45.100\$00 |
| Fernando Carlos | 44.045\$00 |
| Alvarito | 41.220\$00 |
| Estrela do sul | 37.750\$00 |
| Restauração | 32.193\$00 |
| Costa Azul | 21.040\$00 |
| Nicete | 16.090\$00 |
| Oeste | 13.500\$00 |
| Temporal | 12.400\$00 |
| Salvadora | 11.795\$00 |
| Total | 2.671.298\$00 |

Peixe diverso apanhado por várias embarcações . . . 34 946\$00
Total . . . 2.706.244\$00

BANDA DO TERÇO DE OLHÃO da Legião Portuguesa

Sob a regência do sr. Belchior, realiza esta Banda um concerto hoje, no coreto do Jardim João Serra, em Olhão, das 15 às 17 horas, com o seguinte programa:

I PARTE

| | |
|------------------------------|-----------|
| Para os Amigos - Passe Doble | J. Brito |
| Poeta e Aldeão - Abertura | Supé |
| Cantos Diversos - Intermezzo | Anónimo |
| El Cabo 1 - Zarzuela | Caballero |

II PARTE

| | |
|-----------------------------|----------------|
| Rapsódia n.º 5 | Ribeiro Dantas |
| Um Fado | V. H. Morais |
| Adeus Madeira - Passe Doble | Via Nova |

SESSÃO SOLENE NO SPORT LISBOA E FARO

No dia 19 realizou-se na sede do Sport Lisboa e Faro uma sessão solene «lusiva ao encerramento das Comemorações Henriquinas e na qual foram distribuídos os prémios do «Torneio Interno de Preparação-Snipes» e das regatas do «Dia da Marinha», organizações da Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro, concluídas em 1960.

Presidiu à sessão o Delegado no Algarve da Federação Portuguesa de Vela, ladeado por representantes dos Corpos Gerentes do Sport Lisboa e Faro, Ginásio Clube Naval e do Centro de Vela de Faro da Mocidade Portuguesa.

Foi orador brilhante sobre «A Figura e a Obra do Infante D. Henrique» o prof. João Manjua Leal.

Terminou a sessão com a passagem de vários filmes sobre os Desportos Náuticos e até com uma interessante regata de Lusitans realizada em Outubro pelo Centro de Vela de Tavira da Mocidade Portuguesa, filmada pelo seu director, sr. dr. Martiniano Pereira dos Santos.

Fundação C. Gulbenkian

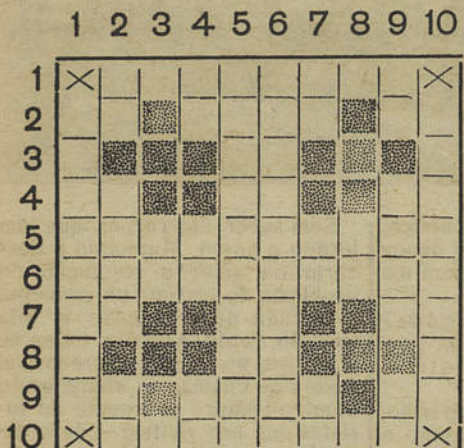
«Trabalho silencioso e diplomático» foi o da Fundação Gulbenkian para recuperar o «precioso património artístico» do grande benemérito, Calouste Gulbenkian — sublinha-se no relatório daquela Instituição onde se revela ter ela movimentado, durante o ano de 1959 mais de 1 milhão, cento e noventa mil contos.

Segundo o mesmo relatório, o saldo líquido das contas da mesma Fundação excedia, em Dezembro de 1959, os 926 mil contos.

No passado dia 20, um grupo de jovens foi ao Museu de Arte Antiga para uma visita guiada às riquíssimas colecções de pintura, escultura, cerâmica e ourivesaria expostas ao longo de dezenas de salas. O próprio director do Museu, dr. João Couto, os recebeu e os acompanhou. E foram estes jovens os primeiros lisboetas a saber que os preciosos valores artísticos de Calouste Gulbenkian — ainda há pouco apresentados em Paris — serão expostos no Museu dentro de um mês.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 11



HORIZONTAIS: 1 — Disputa. 2 — Utensílio chato de madeira ou ferro, com rebordos laterais e um cabo; macho; letra grega. 3 — Acusada. 5 — Lado de uma construção, que tem mais de uma face; planta de aplicações culinárias. 6 — Peça de música para uma só voz; dão pios. 8 — Conjunção designativa de alternativa (inv.). 9 — Vogais de poeta; cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais; porco. 10 — Amor próprio.

VERTICAIS: 1 — Pelica que as senhoras usam no inverno sobre os ombros e no pescoço. 2 — Aqui; espécie de tatu; crença religiosa (inv.). 3 — Fuido elástico que respiramos. 5 — Rugido ou bramido de algumas feras; orifício na extremidade do recto, pelo qual são expelidos os excrementos. 6 — Proposição preliminar que facilita a demonstração dum teorema; vantagens. 8 — Palavra onomatopéica para exprimir choque de dois corpos ou a queda dum corpo. 9 — Ataque de paralisia; estupor profundo, com abolição da sensibilidade e da motilidade; alto aí! 10 — Que come ossos. — ALVARO BASTOS

ANIVERSÁRIO DO CINE-CLUBE OLHANENSE

Passa este mês o IV Aniversário do Cine-Clube Olhanense.

A Direcção projecta comemorar a sua passagem, fazendo proceder à exibição do filme «A Intrusa», na sua sessão que amanhã se realiza no Cinema Teatro, com a leitura duma palestra do Crítico Cinematográfico Roberto Nobre, intitulada «O Algarve e o Cinema», e realizando uma sessão no formato de 16 m/m, no dia 24, onde serão exibidos filmes representativos do documentarismo britânico e norte-americano.

COGUMELOS

Em Macedo de Cavaleiros a guloseima por uma petisqueira de cogumelos custou a vida a duas pessoas e outras duas ficaram em risco de a perder. Acautelem-se dos cogumelos traçozeiros onde a confusão dos venenosos com os comestíveis é fácil de estabelecer e ocasiona estas desgraças.

VISADO PELA Comissão de Censura



A DIFICULDADE DA PERSISTÊNCIA DA COR DEIXOU DE SER UM PROBLEMA!...

Segundo dados fornecidos por Revistas estrangeiras que se dedicam em exclusivo a assuntos relacionados com a Indústria de Conservas de todo o Mundo, as conservas empapeladas quando expostas em montras ou prateleiras de mercearias, perdem as cores e os dizeres apagam-se passados os primeiros 6 dias de exposição. Informam ainda essas Revistas especializadas que os principais agentes provocadores desse desaparecimento são os raios solares e as luzes de «néon».

TODOS OS ENVOLTÓRIOS E RÓTULOS CONFECCIONADOS NAS OFICINAS DA «TIPOGRAFIA SOCORRO» SÃO IMPRESSOS COM TINTAS ESPECIAIS EM ABSOLUTO EXCLUSIVO, TOTALMENTE INSENSÍVEIS AOS RAIOS SOLARES E À LUZ «NÉON» SENDO A PERSISTÊNCIA DA COR GARANTIDA PARA MAIS DE UM ANO... APESAR DOS NOSSOS ENVOLTÓRIOS TEREM ALÉM DO SEU RIGOR TÉCNICO ESTA NOVIDADE DAS CORES PERSISTENTES OS PREÇOS SÃO MANTIDOS COMO OS MELHORES DO MERCADO.

Agradecemos a vossa consulta para verificação dos n.º serviços e preços
TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TINTAS EXCELSIOR



J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

Página FEMININA

ENTRE NÓS, MULHERES...

Por NOÉMIA GIL FÁRIA

DURANTE a última guerra mundial, e mercê das dificuldades por esta criada, generalizou-se o uso da cabeça descoberta. Apenas se transigia com um pequeno lenço, com que as refugiadas de então tapavam os cabelos mal tratados. A guerra acabou e, pelo menos na maioria dos países livres, as condições de vida melhoraram e tudo voltou, menos o chapéu. Diversas tentativas têm sido efectuadas, mas sem resultado, sobre as jovens que habituadas desde pequenas a andar em cabelo, não se sentem bem, enchapeladas. Paradoxalmente, há países em que a maioria da população feminina anda em cabelo (a Espanha e a Bélgica, por exemplo) e outros (como na Holanda e nos Estados Unidos) em que é raro ver-se uma senhora com a cabeça descoberta.

Desde o ano passado, porém, o panorama vem-se modificando. O uso de boinas de malha generalizou-se entre a gente moça e, nas praças, viu-se, este ano, uma verdadeira invasão de chapéus, chapéus e chapéus sobre as mesmas cabezinhas que se contentavam, nos anos anteriores, com um simples lenço de seda. Agora, além das boinas de malha — estas usam-se mais em «crotchet» — temos gorrozinho de pele que são uma verdadeira tentação. Dão às raparigas uma graça e a que elas não podem resistir. E se os há caríssimos — o que a Princesa Fabiola, futura Rainha dos Belgas, tem usado ultimamente é de vison autêntico — também os há muito baratos, confeccionados na nossa amiga (e que amiga!) pele de coelho, que permite a imitação, mais ou menos perfeita, de muitas das peles caras. E para as jovens que não gostam de ver o rosto alargado pela espessura do pelo há chapéus deliciosos, em cetim, que repelem a chuva.

Também para as senhoras que já passaram da casa dos trinta há na verdade (a par de muito dis-

parate) modelos que todas adoramos usar. Em pele, em fazenda, em penas (de faisão, e enormes, a guarnecer modelos que se dizem práticos, de avestruz, coloridas, em chapéus destinados às horas elegantes) e em jersey — de seda ou de lã; em renda, em cetim e em veludo, que é a grande vedeta da estação.

Vê-se muito o preto, mas, como é a cor preferida nos vestidos, a grande maioria dos chapéus tomou os corais, os vermelhos, o «tango» e ainda a mistura de duas ou três cores, em combinações que parecem roubadas aos quadros de Picasso.

Nos feitios, todas as fantasias são permitidas, desde que se tenha em conta que a copa deve ser alta e que dos cabelos apenas devem aparecer, dos lados, as mechas, com a ponta voltada para cima, em anzol. Esta mecha promete ser a «coquelu he» de Paris, pois até os cabeleireiros e os grandes armazéns as vendem, em todos os tons, para se pregarem no chapéu ou no cabelo. Há três espécies de mechas («guiches»): as que apenas tapam as orelhas, as que atingem a altura do queixo e as que tocam os ombros. Quando se usam sem chapéu, seguram-se no cabelo com travessas (guarnecidas de pedraria ou de pérolas) ou por meio de uma espécie de mola, com pingentes caídos, a fazer as vezes de brincos.

E agora, a grande, a enorme novidade da estação: Paris tenta, e parece que com um certo êxito, impor o chapéu para jantar e para a noite. Há dois modelos distintos. O grande chapéu de renda ou tule em preto, alegrado por uma rosa vermelha ou por uma jóia de pedras, e o «chi-chi» pequenino e gracioso, todo em pedras ou em penas (tenta-se mesmo ressuscitar o «paradis») — contanto que tapem os cabelos, agora em crescimento forçado.

Temos enfim — como nos dizem

os modistos — os mais lindos modelos dos últimos anos, com tecidos verdadeiramente tentadores e guarnições as mais variadas. E, para que gostemos muito dos chapéus 1961, Paris orna-os com aquele aliado precioso das senhoras, que é o véu. Em finíssimo tule de «nylon», enquadra como que numa moldura de espuma (espuma branca, espuma verde, espuma alaranjada, espuma negra ou espuma cor de areia) os rostos femininos. E todas sabemos como essa espuma tem o feitiço de tornar mais belos os rostos bonitos, de dar um suave encanto aos mais desfavorecidos, de tirar idade aos que já não possuem o brilho da juventude. Alegremo-nos, pois, com a volta desse mágico aliado. Todas nós, graças a ele, vamos parecer bonitas...

Clark Gable

A notícia do falecimento deste grande artista americano doeu profundamente aos inúmeros de seus admiradores espalhados pelo mundo.

Com a morte de Clark Gable, desaparece um dos últimos «astros» do cinema que encheram de admiração muitos cinéfilos da geração de 40.

NA "ALTA-RODA" DAS ELEGANTES

O COURO — O ÚLTIMO GRITO DA MODA

«Jornal Feminino», interessante e valiosa publicação que no mundo das modas se vem impondo como uma das mais sugestivas e actualizadas publicações lança aos «quatro cantos» do Mundo das Elegantes o último grito da moda que é sem dúvida alguma o COURO em lindas tonalidades.

Já na nossa última visita a Lisboa às principais lojas de artigos de modas, verificámos com admiração as salas de tonalidades escuras guarnecidas de couro e a apresentação de casacos a 3/4 totalmente confeccionados em couro vermelho e verde.

Esta popularidade explica-se pelo facto de as firmas que tingem e curtem as peles, terem aperfeiçoado a sua técnica a tal modo, que o couro se tornou fino e maleável, podendo adaptar-se a todo o género de vestuário.

Como cores poderão ser escolhidas o azul celeste, o violeta, o amarelo limão, etc.

As meias este ano, apresentam-se cada vez em tonalidades mais escuras e para 1961 todas as casas de moda aconselham a preferência de tons muito escuros.

As meias sem costura estão fora de moda, todas as senhoras estão dando a sua preferência às meias com costura nos tons cinzento pálido e havana muito escuro.

TROVAS

HISTÓRIA
A história da tua vida não pode ser bem contada. Com tantos historiadores de certeza sai truncada.

DESDÉM
Por meu mal (ou por meu bem) fugiste, quando eu te queria. Agora, é tarde. O desdém perdeu a real valia...

A. Vicente Campinas
AGRADECIMENTO
Leonilde Damásia C. T. de Morais

António Teixeira de Morais, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que se dignaram enviar as condolências, quer por carta, telegrama ou qualquer outra forma, vem por este meio tornar público o seu reconhecimento.

Intervalo O QUE "ELES" PENSAM DE NÓS...

A ARTE deve ser comunicativa e consoladora — a sua função além de encantar, é também sugerir; como a do incensário não é somente a de levantar fumo, senão a de espalhar aromas. — *Coelho Neto.*

DEVEMOS procurar o prazer na felicidade e não a felicidade no prazer. — *R. Guillon.*

DOIS homens foram um dia ter com João de Deus para que este lhes fizesse um epitáfio para a sepultura de um parente. O poeta aquiesceu prontamente ao pedido e fez-lhes o epitáfio, que eles acharam muito bonito. Todavia, objectavam que não era bem o que desejavam, pois daquela forma, ninguém ficaria sabendo quem lho tinha mandado pôr.

João de Deus, então, para os satisfazer, disse que lhes arranjava outro e fez imediatamente o seguinte improviso:

Aqui jaz João Salgado
Homem honrado e benquista,
Seu irmão e seu cunhado
Mandaram aqui pôr isto.

PARA uns, a morte é o princípio da imortalidade. — *Mendonça Trémont.*

AS lágrimas que alguém se esforça por esconder, são as mais comoventes. — *De Meihan.*

Eu sei que gostas de mim
Embora digas que não;
A boca nem sempre diz
O que sente o coração.



II NÃO TE AMO

*Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.
E eu n'alma — tenho a calma,
A calma — do jazigo.
Ai! não te amo, não.*

*Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida — nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai, não te amo, não!*

*Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.*

*Não te amo. És bela; e eu não te amo, ó bela.
Quem ama a aziaga estrela
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?*

*E quero-te, e não te amo, que é forçado,
De mau feitiço azado
Este indigno furor.
Mas oh! não te amo, não.*

*E infame sou, porque te quero; e tanto
Que de mim tenho espanto
De ti medo e terror...
Mas amar!... não te amo, não.*

Almeida Garrett

A Tipografia TIPOCOLOR

Chama a v/ atenção especial para a qualidade dos seus trabalhos.

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7

OLHÃO

ARDENTÍIA

*He visto tu hermosura retratada
en el frágil cristal de un arroyuelo,
con la quietud que en el azul del cielo
se contempla la luna plateada;*

*he visto tu garganta torneada
con esa nitidez que deja el hielo
que pertinaz derrama sobre el suelo
al despuntar de Enero la alborada;*

*he visto tus mejillas carmesies
encenderse, lo mismo que rubies;
he resistido, como dura roca,
los profundos flechazos de tus ojos
— y no pude aguantar tus labios rojos,
cuando, loco de amor, besé tu boca!*

Manuel OSTOS GABELLA

PENSAMENTO

Foi por ser o ouro raro, que se inventou o doirado, o qual, sem ter a solidez do primeiro, possui todo o seu brilho. Assim, para substituir a bondade que nos falta, imaginámos a delicadeza, que tem, desta, todas as aparências.

De Levis

CONSELHO UTIL

As nódoas de gordura sobre o papel tiram-se facilmente, colocando um mata-borrão debaixo da mancha e carregando sobre ela com um trapo embevido em benzina.

TROVAS

HISTÓRIA
A história da tua vida não pode ser bem contada. Com tantos historiadores de certeza sai truncada.

DESDÉM
Por meu mal (ou por meu bem) fugiste, quando eu te queria. Agora, é tarde. O desdém perdeu a real valia...

A. Vicente Campinas
AGRADECIMENTO
Leonilde Damásia C. T. de Morais

António Teixeira de Morais, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que se dignaram enviar as condolências, quer por carta, telegrama ou qualquer outra forma, vem por este meio tornar público o seu reconhecimento.

Nesta casa quem compra uma vez fica sendo freguês



AGENTES DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR "LA ROYAL"

Lãs LANIFICIOS SEDAS
ALGODÕES MALHAS INTERIORES E EXTERIORES
MEIAS PEUGAS E CAMISARIA

3 vezes por dia 1 comprimido

contra dores de cabeça constipações reumatismo

ASPIRINA

Há mais de 60 anos ASPIRINA e BAYER familiares a todos.

Propagai «Notícias do Algarve»

soda water

refrigerantes

JAGUAR

CINEMA DE AMADORES EM FARO

“FORA-ME PROMETIDA PARA AQUELA TARDE UMA ENTREVISTA”

(Conclusão do número anterior)

me a que estes dois homens, num entusiasmo extraordinário e num esforço financeiro bem grande — como depois viria a tomar conhecimento! — estavam dando forma.

Agora, eu teria de aproveitar todas as oportunidades para as minhas perguntas. Um pouco à parte do bulício do grupo, conversava com o sr. Matos.

— É curioso. Na verdade o nome de Tony já era por mim conhecido. O senhor usa-o como pseudónimo artístico, não é?

— Sim, de facto é um nome artístico.

O sr. dr. Coroa olhava para nós e eu aproveitei a ocasião.

— Por favor, sr. doutor!

Finalmente, estávamos os três reunidos. Durante o tempo em que iria permanecer ali, muitas seriam as vezes em que, «saltando» de um lado para o outro, eu conversaria ora só com um, ora com os dois entrevistados. Ao fim e ao cabo, era meu desejo — e como é natural! — que todo o meu esforço resultasse.

— Quando e quais os factos que deram origem à organização do vosso filme?...

— Não se pode precisar, propriamente, a ocasião em que a nossa ideia se formou. Desde sempre que tenho tido grande entusiasmo pelo cinema. Tendo-me relacionado com o sr. dr. Coroa e conhecendo-o-lhe o gosto pelas «coisas» no campo artístico, propus-lhe um dia fazermos cinema de amadores. E assim foi. Primeiramente planificámos um pequeno filme instrutivo, próprio para crianças.

Aqui, o sr. Matos olhou para o senhor dr. Coroa, que retomou o «fio» da resposta.

— Sim, foi o CICLO DA ÁGUA. Quando fizemos a sua planificação foi pensado que poderia ser útil às crianças das escolas primárias. Uns bonecos animados acompanhariam a descrição científica. As crianças quase sem esforço aprenderiam a sua lição, supúnhamos!...

— E os srs. chegaram a concretizar as vossas ideias?

Dr. Coroa — Não, não as concretizámos. Porque um Organismo Oficial a quem apresentámos a planificação, temeu que as crianças se viessem a distrair com os bonecos...

Sr. Matos — Então aos poucos a ideia de um filme maior se foi formando. Encontrara no dr. Coroa uma pessoa capacitada para se responsabilizar pela parte da argumentação e da realização. Isto é muito importante num filme. O realizador idealiza uma cena à qual o operador — o técnico — dá forma e movimento.

— Muito bem. E o filme foca somente as empresas fomentadas pelo INFANTE ou também a sua vida familiar?

Dr. Coroa — No filme é apresentada a vida do INFANTE desde pequeno, portanto em cena com os diversos membros da sua família e da corte, depois já acompanhados pelos seus cosmógrafos, cartógrafos, matemáticos, navegadores e demais homens entendidos, dedicando-se aos seus empreendimentos e assim até aos seus últimos anos de vida.

— Na organização do filme, que papel desempenha o sr. dr.?

Dr. Coroa — Como o sr. Matos disse à pouco, num filme é necessário um homem que faça a história. Pois bem. Eu me encarreguei dessa parte.

— Quais foram então as obras consultadas?

Dr. Coroa — Praticamente todas as obras que nós conhecemos sobre o INFANTE, e foram muitas essas obras. Durante meses eu as consultei e delas tomei os meus apontamentos. As de maior importância, as que me serviram de base, foram as crônicas de Azurara. Gomes Eanes de Azurara, historiador do século XV, escreveu inúmeras crônicas sobre os descobrimentos e sobre os nobres do seu tempo. Sem dúvida que elas são plenas de rendilhados literários, mas também plenas de verdade.

Aqui, os meus interlocutores passaram à sala contígua onde já o animado grupo de intérpretes estava reunido, pronto para as filmagens. O realizador e o operador trocaram impressões. Em seguida o primeiro deu as suas instruções, de como um pequenino actor — D. HENRIQUE durante a infância — deveria caminhar a fim de ser focado pela máquina. Esta mesma cena iria ser repetida por cada um dos outros componentes do elenco.

Dr. Coroa — Bem, vamos lá meu filho. Vens dali, daquele canto e logo que o teu pé tocar na marcação olhas para a máquina com naturalidade. Depois colocas-te novamente de perfil e saís então, sempre em frente.

O ensaio começara. Para aquele pequenino actor a «coisa» esta-

va sendo bem divertida. Entretanto...

— Sr. Matos, agradecia que me descrevesse pormenores quanto à parte técnica do filme.

— Faz-me o favor de perguntar. — Ele é de curta ou de longa metragem?

— Bem, um filme é considerado de longa metragem logo que a sua exibição seja de uma hora e meia a duas horas. Ora o nosso deverá ter aproximadamente uma exibição de cinquenta minutos, o que também não o coloca na categoria de curta metragem. Portanto, vá lá, poderemos dizer que é um «meio termo», que tem uma metragem média.

— Muito bem. Outros pormenores?

— A película é de 16 mm, com uma técnica de colorido nova — que supomos ainda não ter sido usada no nosso país! — o ektachrome e enquanto os diversos quadros vão sendo apresentados, uma voz faz a sua narração, tendo um fundo musical de Beethoven e Tchaikovsky.

— É a primeira vez que o sr. toma a seu cargo a tarefa de operador?

— Não, não é. Além de outros filmes, fui operador chefe no filme 5 DIAS SEM DEUS, realizado pela declamadora Bárbara Virgínia... perdão!

Aqui foi necessário uma interrupção para começar as filmagens, sim, porque o tempo corria depressa. E a cena foi repetida várias vezes.

Sr. Matos — Então, seu homem, vamos lá, agora é que tudo vai «sair bem». Só mais uma vez. Na verdade tudo «saiu bem» e foi só mais uma vez.

Sr. Matos — Desculpe-me. De facto guardo recordações bem gratas dessa grande artista. Foi para mim um prazer rodar um filme sob a sua orientação, não só pelo seu valor, como também pela excelente camaradagem e espírito de equipa que soube manter durante todo o tempo que conosco contactou.

— Os interiores, onde foram filmados?

O sr. dr. Coroa viera do canto oposto onde nos encontrávamos e ouvira a pergunta. O sr. Matos «passou-lhe» a palavra.

Dr. Coroa — Como é natural, não possuíamos estúdios próprios. Foi-nos então concedida autorização pelo sr. Presidente da Câmara para utilizarmos o Convento das Freiras, aquisição recente do Município. Ai os cenários foram construídos sob a orientação do sr. Matos e todos os interiores foram aí filmados.

Neste momento passava — ensaiando — no outro lado da sala, um dos intérpretes da figura ilustrada e de nobre carácter que fora a de D. Pedro. Desempenhando ele a adolescência do Duque de Coimbra, estava bem longe da sobriedade que devia ter tido a maturidade do ilustre Infante. Talvez por isso, brincava-se.

— Mas, sr. Matos — disse — com a barba tão comprida, ainda hoje não a fiz, vou ficar muito feio na fotografia!

E cruzando as pernas colocou os braços em posição extravagante. Todos nós rimos divertidos. Foi o sr. dr. Coroa que interveio dizendo: — Bem, rapazes, vamos lá continuar. Pode ser, sr. Matos?

E tudo voltou ao anterior sossego. O operador focava, media a intensidade da luz, filmava. As cenas, por vezes, repetiam-se. Eu aproveitei para mais uma vez continuar com as minhas perguntas.

— E sr. dr., como se arranjaram com o guarda roupa?

— O guarda roupa foi todo ele confeccionado propositalmente para cada figura e portanto para cada cena.

— Onde foram «descobertos» os «astros» e as «estrelas para o elenco»?

— Não só pelo amorismo da arte de representar como também porque sou seu director artístico, fui buscar ao Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve os principais intérpretes de que precisava.

— E os figurantes?

— Bem. Como no filme entram para cima de uma centena de personagens, as Escolas Técnicas forneceram-nos imensos elementos entre os alunos.

As filmagens, naquela tarde, tinham terminado. Agora tornara a fazer grupo com os meus dois entrevistados.

— Onde foram filmados alguns dos vossos exteriores?

Sr. Matos — Em diversos locais: Alcobaca, Batalha, Sagres e, calcule, até na nossa Ria!

— Têm algumas peripécias que tenham acontecido?

Dr. Coroa — Temos uma bastante engraçada. Precisando nós de um príncipe indígena para a nossa história, escrevi a um amigo de Alcobaca para que nos arranjasse por lá um personagem de

cor. E um oficial de sapateiro prontificou-se a desempenhar o papel. Uma vez em contacto com o dono da sapataria, este preveniu-nos de que «o nosso príncipe» era um fervoroso amante de Baco. Mas se o levássemos até ao local das filmagens perfeitamente sóbrio, teríamos «gente grande».

Enquanto fazíamos os nossos preparativos, pedi-nos licença para chegar a casa de um amigo, ali perto, e lá foi. Tudo a postos para começar, esperámos o oficial de sapateiro numa impaciência levada de quantos demónios e quando já desesperávamos, eis que surge o «nosso homem»... felizmente bem de saúde e de bom senso, que acabou por desempenhar o seu papel às mil maravilhas. Daquela vez, não ganhámos para o susto.

— E o vosso filme, já se encontra terminado?

Sr. Matos — Não totalmente. Como acabou de ver, ainda há pouco fizemos umas últimas filmagens e depois seguir-se-à o trabalho de montagem e outros.

— Contaram para as vossas filmagens com capitais de entidades oficiais ou particulares?

Dr. Coroa — Não! Tudo tem sido feito sob o meu dispêndio e o do sr. Matos! Somente o S. N. I. nos subsidiara com a importância de dez mil escudos e já gastámos quase cem mil.

— Têm projectos futuros?

Dr. Coroa — Não. Deste género não temos. Isso seria quase um «suicídio».

Sr. Matos — Na verdade, o sr. dr. tem razão. Apesar de termos realizado este filme sobre a vida e a obra do INFANTE D. HENRIQUE na esperança de que seria aceite por escolas e outros organismos similares, o que fizemos foi muito além das possibilidades de todo o entusiasmo que possa existir dentro do campo do amorismo. Daqui para o futuro, só pequenos filmes para nos entretermos. Nada mais.

O CINE-CLUBE

de Vila Real de S. António

responde ao nosso Inquérito

(Conclusão do n.º 380)

Qual o problema ou problemas que mais afligem a vida do Cine-Clube? Que medidas se entendem serem necessárias para a sua satisfatória solução?

O problema capital (e que Cine-Clube o não tem?), que nos impede de fazer melhor, é a falta de dinheiro.

A melhor medida seria o aumento de sócios e daqui apelamos para a boa vontade dos vila-realenses, mas um subsídio oficial tornaria realidade alguns dos nossos sonhos.

Quais os projectos que pretendem levar a efeito?

Projectos não nos faltam.

Em primeiro lugar está o projecto de 16 m/m, depois a aquisição de um duplicador que nos permita fazer os nossos programas e o nosso boletim, que só deu à luz 3 números. Melhorar o mobiliário e alugar uma sede mais ampla que permita aos sócios fazerem del. a sua sala de leitura e o ponto de reunião para os debates sobre os filmes exibidos e apresentarem as suas sugestões para um Cine-Clube melhor, em vez de se manterem no anonimato com cartas.

Uma máquina de filmar também tem borbulhado em nosso pensamento, mas... a falta de fundos faz-nos arrefecer um pouco. Todavia continuaremos a lutar com todas as nossas forças.

A entrevista terminara. Como todo o grupo se preparava para sair, apresentei as minhas despedidas e saí também. Cá fora olhei o céu, agora limpo de nuvens. Já não chovia e o dia findara. A rua enchera-se de pessoas que passavam olhando as montras e conversando. Pondo a minha capa de borracha, dobrada, no braço, entrei por entre os passeantes e segui pensando o quanto pode o va.or e a tenacidade de alguns.

Veríssimo Ninguéns

CONTO DOS VELHOS TEMPOS

HAVIA um casal que muito bem se dava. Vivia em plena harmonia.

Um dia o marido precisava de ir a uma feira distante e assentou em ir com o criado. Montaram a cavalo e chouteando pelo caminho, em conversa, calhou o marido falar do amor que existia entre ele e a mulher.

— Tenho a certeza, afirmava convicto, que se eu morrer antes, ela não tornará a casar.

— Ora! Ora! retorquiu o criado incrédulo, a patroa é como outra mulher qualquer.

E neste ponto se travaram de razões, até que o criado propôs: — Vamos fazer uma aposta. O patrão finge-se morto e eu lhe garanto que a patroa toma logo intenção de se casar novamente.

Não concluíram a viagem e voltaram para trás. Chegados que foram às alturas da povoação e conforme o combinado, meteu-se o amo numa golpelha a fingir de morto.

Ouvindo o tropear da cavalgadura acudiu, açodada, à porta, a mulher.

— Então o que aconteceu que já voltaram? — inquiriu ansiosa.

Ministério da Economia SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS EDITAL

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que a firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª pretende obter licença para uma instalação de armazenagem para consumo próprio de gases do petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 4.560 litros, sita em Olhão, freguesia e concelho de Olhão, distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29054, de 1/10/958, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 36270, de 9/5/947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29054, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, em 14 de Novembro de 1960.

O eng.º-Chefe da 2.ª Repartição,
Mário da Silva

A N

G U

T O

PÁGINA DE CINEMA

(CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

O CINE-CLUBE OLHANENSE RESponde ao nosso Inquérito (2)

(Conclusão do número anterior)

Cinema de amadores; suas actividades.

Continuamos a pensar no Cinema de Amadores. Estamos, com efeito, a terminar a planificação de uma pequena história e já filmámos algumas seqüências de planos exteriores. Por outro lado, sabemos que um devotado cineclubista terminou um documentário sobre a Ria de Olhão e que projecta a filmagem da adaptação de um ensaio de teatro, da autoria de António Macheira, o malogrado autor de «Até amanhã, meu filho».

Situação Financeira.

A nossa situação financeira? Mas para quê fazer nisso?

Sede e Biblioteca.

Não temos sede. Temos alguns livros sobre cinema. Não nos podemos dar a esses caprichos.

Relações com Cine-Clubes, entidades oficiais e outras colectividades.

Mantemos as melhores relações com as nossas congéneres, entidades oficiais e demais colectividades. Mais não pretendemos que, dentro da nossa missão cultural e recreativa, servir os cineclubistas

olhanenses dentro das nossas parcas possibilidades e boas normas de convivência.

A organização de programas.

Os nossos programas têm que ser condicionados ao factor cínico e isso diz tudo.

Qual o problema ou problemas que mais afligem a vida do Cine-Clube? Que medidas se entendem serem necessárias para a sua satisfatória solução?

O problema que mais aflige o Cine-Clube (lá estamos outra vez a tocar no mesmo) é a receita não comportar a despesa, o que é que há-de ser!

Projectos que se pretendem levar a efeito.

Projectos? Pedir um subsídio oficial, angariação de mais sócios, compra de um projector de 16 m/m, etc. Se tal não acontecer, o que não acreditamos e sinceramente não desejamos, muito dificilmente o Cine-Clube Olhanense se poderá manter, em prejuízo para a sua terra. Daqui fazemos, pois, um apelo a todos os Olhanenses, amigos de Cinema, que queiram colaborar e auxiliar o Cine-Clube da sua terra. Nós precisamos deles, queremos contar com eles.

Em cena no Teatro Avenida “Flausino, Homem de Letras”

EMBORA pareça incrível, existem ainda empresários que, olhando somente aos seus interesses, exploram a boa fé dos espectadores amantes de Teatro.

E' o caso de Vasco Morgado que, a par dos belos espectáculos que nos tem apresentado, igualmente nos tem dado peças medianas, com montagens insignificantes e paupérrimas, tendo, no entanto, a preocupação de recheá-las de bons valores artísticos que, só por si, evitam a derrocada da peça, na própria noite da estreia.

Falamos da comédia «Flausino, homem de letras», da autoria de António Paso (Filho) e José Juanes, traduzida à letra por Luís Filipe de Freitas e que se mantém no cartaz desde sexta feira, 4 do corrente mês, graças a António Silva, Madalena Sotto, Maria Dulce, Artur Semedo, Virgílio Macieira, Manuel Santos Carvalho e Maria Adelina, nos principais papéis, bem secundados por Georgina Cordeiro, Alberto Ghira, Pisani Bur-

nay, Fernando de Sousa e Ernesto Torres que, recorrendo a todo o valor e experiência de que são possuidores, conseguem, espacadamente, fazer rir o público e esquecê-lo por momentos do dinheiro pago na bilheteira e, possivelmente, aguentarem a peça por algumas semanas.

Para darmos uma pálida ideia do que é a peça em si, basta-nos esclarecer que se trata duma comédia ilógica, passada no nosso tempo, mas escrita num estilo inconcebível para a época presente, muito embora, ainda, se represente em Espanha e seja talvez do agrado de uma parte de «nuestros hermanos».

Em suma, uma peça riquíssima e que não recomendamos seja a quem for.

No entanto, é de salientar a compreensão do público que aplaudiu os artistas como prémio de consolação pelos ingratos papéis que lhes foram atribuídos e que a necessidade de trabalhar os levou, por força, a aceitar.

Diniz D. Martins da Silva

TIPOGRAFIA
TIPOCOLOR IMPRESSOS DE
TODOS OS GÉNEROS
TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7 OLHÃO

DESPORTOS

Campeonato Nacional da II Divisão RELANCE DA JORNADA

Disputou-se, no passado domingo, a nona jornada do nacional da segunda divisão em que tomam parte quatro equipas algarvias e cujos resultados foram os seguintes:

Lusitano, 2 — Estoril, 0
Olhanense, 2 — Montijo, 1
Setúbal, 4 — Farense, 0
Juventude, 2 — Portimonense, 1

— Em Vila Real de Santo António o grupo local foi nitidamente superior aos adversários e venceu facilmente o Estoril, que duas jornadas antes, em Olhão, tinha deixado excelente cartel.

Agora foi muito diferente e a sua defesa abriu com facilidade. Não sofreu maior derrota devido à falta de remate dos avançados lusitanistas.

— O Olhanense, no seu meio, venceu o Montijo e apesar do resultado escasso não teve dificuldades de maior. O Montijo, no primeiro tempo, apenas tentou defender-se; dois golos, em dois minutos, pareciam ter resolvido a questão.

Tal não aconteceu, pois os

avançados locais complicaram em demasia as jogadas.

Mesmo assim, com um pouco de sorte, teriam feito um resultado mais volumoso que, na verdade, mereciam.

— O Farense não foi feliz na sua deslocação a Setúbal. Sofreu pesada derrota, embora tivesse deixado boa impressão. As coisas não lhe correram bem e logo aos quatro minutos do encontro sofreu um golo. No entanto, deu sempre boa réplica a um adversário que, embora com dificuldade, soube furar o «ferrolho» formado pelos defesas farenenses. Os algarvios ainda tiveram algumas oportunidades de golo, que não apareceu por falta de sorte.

O Farense, mesmo derrotado por margem elevada, saíu do «Campo dos Arcos» de cabeça erguida pois nunca se deixou subjugar pelo adversário.

— Em Évora, o Portimonense saíu derrotado pela tangente, num encontro que, pelo jogo desenvolvido em campo, a vitória quadrava

bem a qualquer das duas turmas.

O Portimonense, técnica-mente superior, vencia ao intervalo, mas o entusiasmo posto na luta pelos locais, na 2.ª metade da partida, valeu-lhes a vitória.

Hoje, disputa-se a décima jornada que compreende os seguintes encontros em que entervêm clubes algarvios:

Oriental — Olhanense
Farense — Sacavenense
Beja — Lusitano
Portimonense — U. Montemor

As atenções da jornada vão para Marvila. Defrontam-se duas das equipas com fortes aspirações neste campeonato. O Olhanense, desejando conservar-se no primeiro lugar e o Oriental ansioso por subir. Prevê-se um despique bastante equilibrado, mas difícil de prognosticar, tomando em conta que são as equipas com menos golos sofridos neste campeonato, sendo o ataque algarvio o mais realizador.

— O Lusitano, em Beja, poderá, talvez, conseguir a sua primeira vitória fora, pois está a melhorar de jornada para jornada. No entanto, não será muito fácil, pois que, no último jogo no seu campo, o Beja ditou a primeira derrota ao guia da classificação.

— Finalmente, o Farense e o Portimonense, nos seus campos, não encontrarão dificuldades e deverão somar mais dois pontos cada.

VITORINO CONSTANTINO

CLASSIFICAÇÃO

| | J. | V. | E. | D. | B. | P. |
|----------------|----|----|----|----|-------|----|
| OLHANENSE | 9 | 7 | 1 | 1 | 29-6 | 15 |
| V. Setúbal | 9 | 6 | 2 | 1 | 25-8 | 14 |
| FARENSE | 9 | 7 | — | 2 | 17-10 | 14 |
| Oriental | 9 | 6 | 1 | 2 | 16-5 | 13 |
| Alhandra | 9 | 6 | 1 | 2 | 24-14 | 13 |
| S. L. Olivais | 9 | 5 | 1 | 3 | 20-11 | 11 |
| PORTIMONENSE | 9 | 3 | 2 | 4 | 9-13 | 8 |
| LUSITANO | 9 | 2 | 3 | 4 | 6-12 | 7 |
| Estoril | 9 | 2 | 2 | 5 | 10-16 | 6 |
| Montijo | 9 | 2 | 2 | 5 | 11-18 | 6 |
| D. de Beja | 9 | 3 | — | 6 | 10-21 | 6 |
| Juventude | 9 | 2 | 1 | 6 | 6-18 | 5 |
| U. de Montemor | 9 | 2 | — | 7 | 16-27 | 4 |
| Sacavenense | 9 | 1 | 2 | 6 | 6-26 | 4 |

Jogos para hoje: Estoril-Juventude; Beja-LUSITANO; Montijo-Alhandra; Oriental-OLHANENSE; FARENSE-Sacavenense; Olivais-V. Setúbal; PORTIMONENSE-Montemor.

LUSITANO, 2 — ESTORIL, 0

O LUSITANO

jogou como "Gente Grande"

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro», em Vila Real de Santo António.

Árbitro: Francisco Guiomar, de Beja.

LUSITANO — Martinez; José Pedro, Parra e Gonçalves; Pa-desca e Tavares; Araújo, Jaruga, José Vicente, Rodolfo e Torres.

ESTORIL — Augusto; Manecas, Mota e Albino; Ribeiro e Pastorinha; Rui, Brandão, Fernandes, Rosales e Peixoto.

Tinha homens a mais a equipa de Vila Real?

... Foi esta a sensação que se colheu, durante quase todo o encontro: o Lusitano devia estar a jogar com gente a mais, tal a frequência com que os seus homens pareciam multiplicar-se para ganhar todos os lances de antecipação. Tinham mais tempo a bola em seu poder e dominaram o jogo durante quase todo o tempo.

Às vezes, na verdade, esta sensação tornava-se tão forte que dava vontade de contar os jogadores, não fosse mesmo verdade a superioridade numérica lusitanista.

Sabe-se de onde provém, normalmente, essa ideia: diferença de andamentos. Uns pareciam mais porque aparecem mais.

Mais vezes e mais depressa do que os outros. No domingo, essa diferença tornou-se tão flagrante, em face da aplicação de uns e a apatia, por vezes, de outros, que o vencedor do encontro, pode dizer-se, estava encontrado logo que o desafio

princípios, muito embora o primeiro golo só surgisse aos 5 minutos do segundo tempo.

Até essa altura, independentemente das situações de tento criadas — uma meia dúzia, pelo menos, para o Lusitano; uma única, pelo mais, para o Estoril — bem se pode dizer que tinha havido uma só equipa no terreno, dominando a situação em todos os capítulos.

Logo nos primeiros minutos desperdiçou Araújo uma soberana oportunidade de golo, quando, isolado, atirou por alto.

CAMPEONATO DISTRITAL da III Divisão

Disputou-se no passado domingo a 3.ª jornada com os seguintes resultados:

Louletano, 0 — Sambraz, 2
D. S. Brás, 1 — E. de Lagos, 2

Hoje realiza-se a 4.ª jornada com os seguintes encontros:

Unidos S. Braz. - Silves
Esp. Lagos - Louletano

CICLISMO

BARBOSA E PISCO

em evidência no festival de Tavira

Conforme estava anunciado, realizou-se no passado domingo mais um grandioso festival na pista de Tavira, organizado pelo Ginásio local.

A reunião foi muito concorrida, facto que ficou a dever-se à presença de Alves Barbosa.

A luta foi bastante animada, dada a entusiástica oposição que o consagrado corredor da Bairrada encontrou por parte da maioria dos concorrentes.

Os resultados das várias provas foram os seguintes:

POPULARES — 20 voltas em linha: 1.º, Ilídio Graça (Ginásio); 2.º, Octávio Trinta (Ginásio); 3.º, Florbald Barros (Ginásio).

PROVA DE ELIMINAÇÃO — para populares: 1.º, Octávio Trinta (Ginásio); 2.º, Joaquim Besouro (Farense).

PROVA PARA AMADORES — 20 voltas em linha: 1.º, Alfredo da Mata (Ginásio); 2.º, Victor Amaro (Ginásio) 3.º, Tolentino Francisco (Farense).

INDEPENDENTES — Corrida à italiana por equipas: 1.ª equipa mista, constituída pelos seguintes corredores: João Bárbara, Inácio Ramos, Américo Raposo, António Pisco e Alves Barbosa; 2.ª equipa, também

Na segunda parte, ainda com o 0-0 no marcador, o Lusitano entrou a jogar a «todo o vapor» e aos 3 minutos viu coroados os seus esforços com a obtenção do primeiro golo, da autoria de Torres.

Com o golo, finalmente, a exibição do Lusitano atingiu o ponto máximo do encontro. Já houve então esboços de «bailes», por parte dos locais que bem mereciam uma diferença mais substancial do que o escasso 1-0 verificado.

Mas oito minutos volvidos e na transformação de uma grande penalidade que nos pareceu forçada, Rodolfo obteve finalmente o segundo golo.

Os lusitanistas jogaram, neste encontro, aquilo que sabem e podem, como ainda os não havíamos visto esta época.

Salientaram-se no Estoril: Augusto, Mota e Manecas.

No Lusitano, todos cumpriram, sobremaneira. Arbitragem regular.

M. Vicente

BASQUETEBOL

Realizou-se, no passado domingo, no campo do Bonjoanense, em

Faro, um encontro a contar para o campeonato distrital entre as equipas das primeiras categorias do C. F. «Os Bonjoanenses» e o S. C. Olhanense, que terminou com a vitória dos olhanenses por 56-46.

O grupo local, que no domingo anterior tinha batido a equipa do S. C. Farense também para o mesmo campeonato, apresentou uma equipa muito jeitosa, com alguns bons volores individuais, salientando-se, entre eles, o jovem Samuel, muito habilidoso e um óptimo meia distância. Hélio também se salientou, assim como Seromenho nos ressaltos da tabela.

No Olhanense, todos se esforçaram e mereceram a vitória, pois exibiram-se em plano superior ao adversário, salientando-se entre eles Luís do Ó, Flávio e Manuel de Brito. No entanto, notou-se falta de treinos, pois muitas das jogadas ficavam em meio, muitas bolas mal passadas, etc.

Na verdade, os jogadores do Olhanense não podem treinar, pois de dia têm os empregos e, de noite, falta-lhes a luz no campo, e o pior é que não a podem pôr, pois a secção de Basquetebol do Olhanense vive presentemente de uma quotização especial que última-mente foi criada para tal fim.

Assim, apelamos para a Câmara Municipal de Olhão que, segundo nos consta, tem certo material de reserva que, com um pouco de boa vontade, podia dispor para a iluminação do campo.

Quanto a nós, a equipa do Olhanense, com treinos, poderia ser uma das melhores, senão a melhor, do Algarve, na modalidade.

Alinharam e marcaram, pelo C. F. Os Bonjoanenses: Seromenho (4), José Lopes (4), Nélio (17), Samuel (21), Carlos Pedro, José Zurrappa e Gregório Cabrita.

Pelo Olhanense: Flávio (16), Luís do Ó (22), Carlos Pombinho (8), Manuel de Brito (9), Eduardo Guerreiro (1), Vitorino Lopes e João dos Santos.

Apelo aos Filatelistas

Pede-nos o sr. José Nunes Pombinho, internado no Sanatório Sousa Martins, Serviço — 5, na Guarda, para que lhe enviem selos usados, pois é a filatelia o seu único e indispensável entretenimento.

TORNEIO DISTRITAL DE RESERVAS

Resultado do jogo efectuado no passado sábado:

Lusitano, 0 — Olhanense, 2

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

Resultado do jogo efectuado no passado domingo:

S. L. e Faro, 1 — Farense, 2

Marcou-se para o próximo domingo, dia 27, o seguinte jogo:

Farense - Olhanense

A Direcção desta Associação tomou conhecimento, com o maior agrado, que o árbitro do jogo Lisboa e Faro-Farense louvou, no boletim, o jogador do Farense, Almerindo Simão Correia, «pelo aprumo desportivo» demonstrado no decorrer do referido jogo.

VELA

TORNEIO DE OUTONO

A Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro e o Ginásio Clube Naval de Faro, que de há um ano a esta parte têm sido os grandes impulsores da Vela Desportiva na capital do Algarve, organizaram uma série de 12 regatas para a Classe Snipe, denominada «Torneio de Outono», que está a decorrer com grande entusiasmo.

Estão já realizadas 5 regatas, que tiveram lugar nos dias 16 e 25 de Outubro, 6, 13 e 20 de Novembro, cuja classificação geral é a seguinte:

1.º — Fernando Prazeres e Emmanuel Estevinha — G. C. Naval — 1620 pontos; 2.º — António André e Werner H-inen — S. L. Faro — 1561 1/2 pontos; 3.º — Jorge Leiria e Pernambuco Viegas — G. C. Naval — 1526 2/3 pontos; 4.º — José Delfino e Francisco Manjua — M. P. Faro — 1500 1/3 pontos; 5.º — Silvério Augusto e António Barreiros — G. C. Naval — 1424 pontos; 6.º — Rogério Ferro e José Ferro — S. L. Faro — 1399 2/3 pontos; 7.º — Daniel Santana e Rodrigo Matos — M. P. Faro — 1357 pontos; 8.º — Diamantino Mendes e Carlos Gonçalves — M. P. Faro — 1351 5/6 pontos; 9.º — Fernando Ferreira e José Damásio — S. L. Faro — 1305 pontos; 10.º — António Martinho e Carlos Filipe — S. L. Faro — 1257 pontos; 11.º — José João Castro e Carlos Martins — S. L. Faro — 1142 1/2 pontos.

O torneio prosseguirá todos os Domingos e Feriados, se o tempo o permitir e até perfazer o total de 12 regatas.

EM OLHÃO

Leia o «Notícias do Algarve»
No Café Bar-Comercial
Rua do Comércio.

O Fostato Thomas ao Serviço da Lavoura

NOVA CAMPANHA CEREALÍFERA

SNR. LAVRADOR...

ajude-se a si mesmo acertando na

adubação mais conveniente

EXIJA E USE



o ADUBO QUE AJUDA A
OBTER BOAS COLHEITAS

COMPREENSÃO E RESPEITO

(Conclusão da 1.ª página)

mem ao seu meio com garantias decentes de subsistência para si e para os seus. O êxodo das populações rurais é um dos males maiores da nossa época. O homem perde o amor à terra onde nasceu, sem criar amor pela terra onde vai viver e onde flutua, estranho ao que o cerca e sem se enraizar.

Julgam tudo delicias na cidade, os que a não conhecem bem. Com que amargura nos dizia um homem vindo do fundo da sua aldeia montesinha: vivo num quarto com minha mulher e temos dois filhos. Era já indecoroso ter o mais velho comigo e a mãe, dormindo lado a lado. Mandei-o para a terra, para casa de meus pais. Já ele me não conhece...

Somos todos raízes do mesmo torrão; não temos de nos vangloriar de sabedoria estulta quando a ignorância nos domina em muitas facetas. O fato de bom corte não faz o homem, não é marca de superioridade, e aquele que ergue a cabeça da terra para limpar o suor que lhe escorre pelo rosto, se não viu um cinema, se não frequenta um boteco, sabe o que é um arado e que é com ele que a terra dá o grão que a todos alimenta.

O arado é com a rede o primeiro e o verdadeiro símbolo do trabalho e da abundância.

Devemos pois respeitá-los e a quem os maneja.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

A Invalidez é um Reino ONDE OS VÁLIDOS NÃO CONTAM

(Conclusão da 1.ª página)

infelizmente, não é este o caso. Por acaso, dá-se adesão a qualquer estimativa, mas ninguém contribui com braços e cabeça para o fim concreto ou construtivo.

Negam-se a crer na realidade a maioria das pessoas que podem fazer melhoramentos, e isto é paradoxal porque esses melhoramentos seriam beneficiados por vias naturais que a vila oferece. E' o caso de se não constituir uma Comissão Municipal de Turismo que está a prejudicar investimen-

À Memória do falecido ENG. DUARTE PACHECO

A Câmara Municipal de Loulé, mandou celebrar no passado dia 16 do corrente, uma missa de sufrágio por alma do ilustre louletano, Engenheiro Duarte Pacheco, na igreja matriz da mesma vila, comemorando o 17.º aniversário do seu falecimento.

Após o acto fez-se uma romagem até ao monumento erguido à sua memória, e junto do qual foram colocados vários ramos de flores.

José Macheira

tos de capitais particulares, quer numa pousada quer numa pensão residencial.

Segundo o Código Administrativo, é no que diz respeito à formação dessas comissões, Olhão tem as condições naturais nela estabelecidas, dando a perceber que há uma inércia na sua administração; pois não é nada difícil conferenciar com esses ditos particulares e estabelecer uma base. Já nesse sentido se fez o projecto de uma ponte que é impraticável em virtude do seu elevado custo e razão por que sendo sonho não é uma realidade. Fala-se na substituição dos barcos que fazem as carreiras o que é sem dúvida alguma uma medida ajuizada para dar a comodidade necessária a qualquer turista.

Presentemente Olhão depende mais da falta de esforços educacionais do que de valores imóveis desperdiçados. Por este caminho se tem enveredado sem que se lute pela certeza dum progresso à altura das suas possibilidades.

Seria demais não nos apercebermos que Olhão decaí dia a dia pela falta de valores válidos e que todos concorrem para uma maior limitação de vida; inconsciência como o próprio hábito de ninguém se importar com isto ou aquilo.

Mas, ainda, se nos abeirarmos do estado lastimoso, em certos casos repugnante, das ruas e vielas, das obras abandonadas como é o caso da Central Elevatória, dum plano de Urbanização que há quinze anos se altera irremediavelmente, não podemos deixar de sofrer e olhar nostálgicos para a terra potentíssima dos tempos de outrora.

Prémios da Exposição Henriquina DA ESCOLA PRIMÁRIA de Vila Real de S. António

TEVE lugar na semana passada na Escola Primária Masculina de Vila Real de Santo António, uma sessão solene para a distribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram na Exposição de Trabalhos Manuais levada a efeito por ocasião das Comemorações Henriquinas no edifício da Escola Primária Feminina de Vila Real de Santo António.

Na sessão solene a que esteve presente o nosso director adjunto sr. José Macheira, usaram da palavra os srs. Pedro Socorro, Vice-Presidente da Câmara Municipal da vila pombalina e Francisco Caldeira, Delegado Escolar do concelho, tendo assistido o respectivo corpo docente e grande número de alunos.

A seguir damos a lista dos alunos premiados:

Maria da Graça Guerreiro Gil; Maria José Gomes Pereira; Serge Marie Serine da Conceição; José Luis da Costa Freitas; João Alexandre dos Reis Parreira; Maria Filomena Duarte Machado; Manuel António Toledo Salvador; Maria Manuela Gutierrez Gonçalves; Casimiro Afonso Porfírio e Dorilo Jaime Figueiredo Inácio.

O PRIMEIRO FOGUETÃO PORTUGUÊS

INTEIRAMENTE FABRICADO POR JÓVENS QUE SE DEDICAM AO ESTUDO DA ASTRONÁUTICA

No aeródromo de Alverca efectuaram-se, no dia 6 do corrente, as primeiras experiências públicas das actividades do Centro de Estudos Astronáuticos da Mocidade Portuguesa, durante as quais foram ensaiados dois modelos inteiramente construídos por jovens «técnicos» que se dedicam ao estudo da navegação espacial.

O primeiro modelo — uma verdadeira miniatura, destinada a amadores — foi lançada por uma rampa com uma inclinação de 45 graus e atingiu cem metros de altitude.

O segundo era um pouco maior e revelou importantes inovações, estudadas e aplicadas pelos jovens «cientistas». Apenas com o peso de um quilo, o seu motor desenvolve uma força de 20 quilos, o que, em proporção, o torna mais poderoso do que as antigas V-2 alemãs. O foguetão foi lançado na vertical e atingiu uma altura tal que não foi possível medi-la, visto ter ultrapassado os limites de registo dos aparelhos utilizados para o efeito.

Porque não se cria EM OLHÃO uma Zona de Turismo?

(Conclusão da 1.ª página)

blema do turismo dentro dos próximos 3 ou 4 anos.

E veja o meu amigo como tais teóricos argumentam e defendem tão abalizadas opiniões.

Uns, para relegar para um plano secundário quaisquer actividades turísticas, começam por enumerar as necessidades mais ou menos prementes da vila ou do concelho, e invocam as dificuldades financeiras do Município, chegando a ignorância ou a miopia de alguns a levá-los a afirmar que só a muito boa vontade e o muito bairrismo é que fazem descortinar em Olhão ou no seu concelho a existência de condições mínimas indispensáveis à criação de uma zona de turismo.

Outros, possivelmente os mais bem intencionados, entendem que não se deverão iniciar quaisquer actividades turísticas, sem que se encontre concluída a obra de saneamento da vila e a de repavimentação das respectivas artérias, obra que ainda não se sabe, concretamente, quando começará, mas que uma vez iniciada deverá necessitar de pelo menos 2 anos para a sua total execução.

E aí tem o meu amigo o que conheço, extra Município é claro, quanto à maneira de encarar e resolver o nosso caso de turismo.

E já agora que, pela forma como lhe expus o que se passa ou se diz, reconhece, certamente, que não estou de acordo com tais opiniões, vou dar-lhe a conhecer

o que penso acerca de tão magno problema:

É certo, infelizmente, que não tem Olhão resolvido o problema do saneamento — os esgotos existentes são antiquados, encontram-se em mau estado e são insuficientes — e que a pavimentação de um elevado número de ruas se encontra em precário estado de conservação, mazelas estas que não passam despercebidas aos turistas que nos visitam.

Concordo que é urgente pôr termo a tal estado de coisas, não por motivos turísticos, mas sim para dotar de condições de salubridade e de asseio a terra onde vive e ganha o pão de cada dia a numerosa família olhanense.

Sei, pois li o plano de actividades da nossa Câmara Municipal para o próximo ano, que a situação financeira do Município não é desafogada e que existem outras necessidades bem prementes.

Mas sei, também, que não pode Olhão esquivar-se a receber turistas, e foi já grande o número dos que no verão passado nos visitaram e de Olhão e da praia de banhos da Armona levaram as melhores recordações, não obstante os inconvenientes que a vila possui e que já mencionei.

É portanto necessário, urgente mesmo, encarar de frente o problema do turismo e receber da melhor forma que soubermos e pudermos os nossos hóspedes, muito embora nos custe ou envergonhe não termos a casa arrumada como seria nosso desejo.

A Câmara pediu já superiormente a desafecção da ilha da Armona do domínio público marítimo. Pois bem. Insista-se junto das entidades competentes no sentido de que não demore a resolução do pedido e crie-se uma zona de turismo que abranja a vila e aquela praia de banhos. Daríamos assim os primeiros passos neste caminho que não é difícil de percorrer e muitas pequenas tarefas teríamos que executar de princípio, sem grande dispêndio das receitas próprias e especiais desta zona de turismo.

E aqui tem, meu caro, o que penso acerca deste assunto.

Empurrado por um já acentuado vento do sul que ameaçava ser portador de chuva, chegou até nós, com uma nitidez impressionante, o som das badaladas do relógio da igreja matriz, anunciando as 7 da tarde. Só então reparámos que a luz baça desta tarde cinzenta e desagradável tinha sido substituída pelo deficiente e inestético conjunto eléctrico existente no jardim.

Eram horas de jantar.

Com um aperto de mão e com a promessa de prosseguirmos em qualquer outra tarde a nossa troca de impressões, separámo-nos.

João Verdades

A Acção dos «Pullmans» no Turismo do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

Falta no sul a organização sistemática de camionetas «Pullmans», que uma vez iniciada contribuirá para uma melhoria em todas as pousadas, hotéis, parques, comércio, etc., porém não é só para este efeito que tais organizações se fizeram. Elas resolvem eficazmente os problemas de transporte, oferecem comodidades e facilitam o acesso aos principais pontos turísticos. De Lisboa a Vila Real de Santo António, fazendo escala por Sezimbra, Arrábida, Alcácer do Sal, Sines, Grândola, S. Tiago de Cacém, Aljezur, Lagos, Sagres, Praia da Rocha, Carvoeiro, Armação de Pera, Albufeira, Quarteira, Praia de Santa Maria, Faro, Olhão, Tavira, Manta Rota, Monte Gordo, existem motivos interessantes podendo cada um deles merecer a atenção dos turistas que as visitam.

Toda a Europa e principalmente na Itália, tal iniciativa foi também organizada, que os estrangeiros observaram quanto era desvantajoso prosseguir nos seus próprios automóveis. Encontram nos «Pullmans» e nas agências turísticas que os controlam tão grande eficácia como as que a seguir exemplificamos:

Ao contactar-se com a agência, ela propõe um itinerário cujos horários e assiduidade permitem percorrer a Itália o mais comodamente possível. O turista ao passar pelas diversas terras é informado daquilo que se lhe pode oferecer (belezas naturais, monumentos, folclore e estabelecimentos hoteleiros) de acordo com os folhetos indicativos fornecidos pela agência eles podem estabelecer o seguinte: Se determinada terra do guia lhes despertou interesse, podem aí alugar-se, percorrerem-na paulatinamente, e depois seguirem no dia imediato ou como lhes aprouver, porque os «pullmans» passam diariamente, repetindo a mesma coisa nas terras que se seguem, dando-lhe o ensejo de não se fastidiarem com percursos longos, monótonos, e também de conhecerem diversas regiões. Seria um grande passo em virtude das ferrovias de Lisboa até ao Algarve, não suportarem eficazmente, na época de verão, o bulício das multidões desejosas de se espraíarem em solo algarvio.

Vários países representados por peritos desta indústria, nos têm visitado o que demonstra o alto interesse que se vai proliferando ultimamente. Compete aos industriais rodoviários, hoteleiros e intermediários, estudarem tão grande melhoramento para o sul do país.

Tudo se torna mais fácil com o Porto

DELAFORCE



DELAFORCE O PORTO SAUDÁVEL

Pensava que o meu vestido estava branco...

...mas o dela tem a brancura OMO!



A verdade é que nenhum produto consegue lavar tão bem. Omo é extraordinário! A sua espuma eficiente e abundante lava maravilhosamente. É que não fica sombra de sujidade na roupa. Tudo é cuidadosamente retirado pela acção suave de Omo. Por isso a roupa fica tão bem

lavada, mais branca — com a brancura Omo! Omo é económico por muitas razões: porque poupa tempo, dinheiro e, sobretudo, porque poupa a roupa! Omo actua sozinho soltando dos tecidos toda a sujidade; assim, a roupa não é maltratada e por isso dura mais tempo.



lava mais branco!

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.

VILA NOVA DE GAIA FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 26 de Novembro a 2 de Dezembro, na Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64.

Visado pela Comissão de Censura